

## PASSO FUNDO COMO REGIÃO POLÍTICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

## PASSO FUNDO COMO REGIÓN POLÍTICA A PRINCIPIOS DEL SIGLO XX

## PASSO FUNDO AS A POLITICAL REGION IN THE EARLY XX CENTURY

Greicon Wagner Vogelmann Becker<sup>i</sup>  

**Resumo:** Passo Fundo como município tinha uma área territorial bem maior do que na atualidade, essa vastidão foi sendo perdida ao longo do século passado. A região de Passo Fundo como conhecemos engloba uma série de municípios que como referência essa cidade e compartilham traços e características em comum. Politicamente a cidade era dominada entre 1889-1930 pelo Partido Republicano Rio-Grandense, PRR, que governou de forma autoritária esse município.

**Palavras chave:** Passo Fundo; região; política local.

**Resumen:** Passo Fundo como municipio tenía un área territorial mucho mayor que la actual, esta inmensidad se fue perdiendo a lo largo del siglo pasado. La región de Passo Fundo como la conocemos abarca una serie de municipios que como referencia esta ciudad y comparten rasgos y características en común. Políticamente la ciudad fue dominada entre 1889 y 1930 por el Partido Republicano Rio-Grandense, PRR, que gobernó de forma autoritaria este municipio.

**Palabras clave:** Passo Fondo; región; Política local.

**Abstract:** Passo Fundo as a municipality had a much larger territorial area than today, this vastness was lost over the last century. The region of Passo Fundo as we know it encompasses a series of municipalities that as a reference to this city and share traits and characteristics in

---

<sup>i</sup> Graduado (2019) e Mestre (2024) em História pela Universidade de Passo Fundo. Contato: 145592@upf.br

common. Politically, the city was dominated between 1889-1930 by the Rio Grandense Republican Party, PRR, which authoritatively governed this municipality.

**Keywords:** Passo Fundo; region; local politics.

## **A POLÍTICA EM PASSO FUNDO ENTRE 1889-1920**

Primeiramente abordaremos brevemente a política passofundense antes de discutir o conceito de região e suas implicações. Ao longo do segundo reinado (1840-1889) a política brasileira se dividiu em dois partidos os liberais e os conservadores, numa época onde os barões do café dominavam a política nacional. No Rio Grande do Sul a pecuária era a principal atividade econômica. Um país onde força de trabalho era de negros escravizados. A partir do fim da guerra do Paraguai em 1870, começou a surgir o movimento republicano, que obviamente contestava a monarquia, o movimento abolicionista ganhou corpo na década de 1880 e em 1888 foi abolida a escravidão um ano depois ocorreu a queda da monarquia e uma nova organização político-administrativa, inclusive partidária ocorreu. Houve uma regionalização dos partidos, o mais importante eram o PRP (Partido Republicano Paulista) e o PRM (Partido Republicano Mineiro), essas legendas seriam hegemônicas no comando do executivo federal.

No Rio Grande do Sul, ocorreu uma intensa disputa de poder entre o PRR e o partido Federalista. Júlio de Castilhos era o líder dos republicanos e Gaspar Silveira Martins o líder dos Federalistas. No início da década de 1890 ocorreu uma frenética troca de governantes no executivo estadual. E constante instabilidade gerou um conflito de proporções muito violentas entre 1893-1895 a chamada guerra da degola, como o nome sugere em virtude de práticas de degola durante o conflito, onde se encontram registros de massacres de centenas de pessoas em um só dia, em determinados casos. No fim o PRR, manteve-se no poder e deu início ao longo período no poder primeiramente com Júlio de Castilhos depois com Borges de Medeiros. Mas diferente dos demais partidos republicanos, O PRR, tinha uma ideologia positivista, que tinha um caráter autoritário centralizador, acreditando num executivo com amplos poderes e um parlamento com funções limitadas, como a discussão e aprovação do orçamento público. O partido não tinha uma origem oligárquica, formado em grande medida por profissionais liberais, ao contrário dos partidos republicanos de Minas e São Paulo, cujos seus membros eram oriundos da elite cafeicultora.

No município de Passo Fundo o movimento republicano surge na década de 1870, quando um grupo de estudantes se reúne numa propriedade de Augusto Reichmann, localizado no que é hoje a avenida Brasil. As reuniões eram noturnas e a iluminação era precária e feita a vela, os participantes dessas reuniões ficaram conhecidos pejorativamente como “tocos de vela” já que na visão de seus detratores não tinham expressão política. (MIGLIORANZA, 2008, p. 56).

Em 1889 ocorreu a fundação do PRR local, com Gervásio Lucas Annes como líder, o partido teve uma votação bem menor do que as dos liberais, de seu rival Prestes Guimarães que se elegeu deputado provincial, Annes também foi eleito em 1891. Em 1890 Gervasio Annes cria o jornal do partido local, *O Echo da Verdade* que seria um instrumento de propaganda ideológica. Um episódio abalaria a política local em 1892, o município então governado por Prestes Guimarães. O fato foi o assassinato do militar e republicano Francisco Chicuta, tal evento desencadeou uma onda de boatos de quem seria o assassino, que resultou na fúria dos republicanos da cidade e tudo só se resolveu quando Prestes Guimarães entregou o poder local ao PRR, sob comando de Gervásio Annes. (MIGLIORANZA, 2002, p. 59-62). A guerra federalista de 1893-1895 foi marcada por combates ferozes em Passo Fundo e região entre pica paus e maragatos e com o Coronel Gervasio sofrendo graves ferimentos, mesmo assim o partido manteve e consolidou seu poder.

O Líder do partido Gervásio Annes era natural de Cruz Alta e veio morar em Passo Fundo ainda bem jovem, trabalhou na coletoria estadual, posteriormente exerceu a advocacia e atuou como jornalista, inclusive fundando além do *Echo da Verdade* que teve atuação fugaz o jornal *O Gaúcho* em 1999, exerceria o cargo de intendente municipal de 1896-1900 e de 1908-1912. Seu parceiro na administração do município foi Pedro Lopes de Oliveira, conhecido como coronel *Lolico* que ocuparia a intendência por quatro mandatos. Além do coronel *Lolico*, outra liderança do PRR local era Gabriel Bastos. Quem surgia como liderança do partido era Nicolau Vergueiro, um jovem quadro, que atuava como médico, em 1908 elegeu-se conselheiro municipal e emplacou cinco mandatos consecutivos com deputado estadual de 1909-1928, após isso foi eleito deputado federal. (KNACK, 2013, p. 113).

Com a morte de Gervásio Annes ocorreu um vácuo no poder do PRR em Passo Fundo e basicamente o partido se dividiu em duas alas, uma comandada por Nicolau Vergueiro, outra por Pedro Lopes de oliveira. Gabriel Bastos apoiou Vergueiro, que almejava assim como o coronel *Lolico* o cargo de intendente municipal. Para Pedro Lopes de Oliveira seria o quinto

mandato. Vergueiro contava com o apreço do jornal *A Voz da Serra*, enquanto o jornal *O Gaúcho* apoiava o coronel *Lolico*. Os dois jornais acusavam seus oponentes mutuamente, promovendo ataques pesados contra a imagem de cada um dos líderes. Por fim Vergueiro venceu as eleições para intendência municipal de 1920 e se afirmava de modo definitivo com o principal expoente do PRR, no município. (KNACK, 2013, p. 108-115).

## **A REGIÃO COMO DEFINIÇÃO E APLICADA HISTORICAMENTE A PASSO FUNDO**

Discutir o conceito de região exige muito do historiador, afinal de contas o que é uma região? Ela é uma porção de um território com características geográficas, culturais, sociais, políticas semelhantes, ou numa reflexão mais particular uma representação de uma identidade de um povo. Esse conceito passou por várias mudanças de significados ao longo da história, como atestado no trecho abaixo,

Na antiguidade *regione* era denominação dadas a áreas que apesar de disporem de uma administração local, estavam subordinadas a regra gerais e hegemônicas, das magistraturas sediadas em Roma. Durante a idade média, as subdivisões regionais deram origem espacial aos poderes autônomos. Na idade moderna, renasceu a discussão sobre conceito de região, nação, território e abriu-se um campo disciplinar especificamente geográfico. A idade contemporânea, com a redefinição do papel do Estado e com as manifestações dos nacionalismos e dos regionalismos, foi palco de um grande debate sobre a ideia de região. (RECKZIEGEL, 1999, p. 16).

O certo é que não existe uma definição exata desse conceito. O que há são determinações de macro ou micro regiões, as vezes divisões meramente geográficas, que é uma condicionante importante, o relevo, o clima a vegetação fazem parte de uma região. O nosso caso onde habitamos é conhecido por ser o sul brasileiro que compreende os estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O Rio Grande do Sul também esta subdividido em algumas regiões, a serra, o litoral, o vale dos sinos, a campanha, o planalto, cada um com suas características de clima e vegetação, porém quando falamos em povoamento, como origem étnica, religião, atividades econômicas a novas divisões de região. Por isso a campanha gaúcha não é igual ao planalto, não só pelos aspectos geográficos, mais pela etnia, costumes e economia. Pois a ocupação do espaço sulino não foi homogênea. A regiões que sofreram um povoamento mais tardio, do que outros, com uma presença étnica diversificada, existem regiões

com maior presença indígenas, negros, europeus dependendo do local.

Quando abordamos o Brasil da primeira república, observamos padrões e comportamentos gerais nas instituições políticas da época, como também na economia. Enquanto Minas Gerais e São Paulo eram as locomotivas do Brasil no período, principalmente pela produção e exportação de café em larga escala, nesses dois estados, O Rio Grande do sul dependia muito da pecuária. Na organização política o estado gaúcho, apresentava algumas peculiaridades em relação do restante do País, era governado pelo PRR (Partido Republicano Riograndense) que tinha uma administração muito particular, para não dizer ditatorial, concedendo pouco dialogo aos demais poderes, pelo contrário, estrangulando estes e exercendo um poder quase que total. Sendo que constituição prezava pelo equilíbrio dos três poderes e não o sufocamento ocasionado pelo executivo em relação aos outros.

Como podemos observar embora toda a nação esteja, sob o guarda-chuva da constituição federal de 1891, durante a primeira república ocorreram mudanças pontuais, porem significativas, onde certas alterações no funcionamento das instituições foram feitas de forma visíveis. O próprio fenômeno do coronelismo, na qual surge em meados do século XIX e adentra o século XX é outro ponto a ser observado, na primeira república continha suas especificidades, no Brasil como um todo trata-se de um coronel, ou chefe local, dotado de poder numa microrregião, na qual os habitantes do povoado comandado pelo coronel, estão subordinados a ele por um rede de compromissos extensa, por meio de troca de favores, na qual o chefe local, espera do seu beneficiado, o voto em direção a suas alianças políticas, estaduais e nacionais. No Rio Grande do Sul governado por um partido não oligárquico, a relação do coronel com o poder se processa de outra forma, em troca de apoio financeiro, inclusive policial caso necessite, o coronel esta disposto a colaborar com o PRR. A pesquisadora Céli Pinto, desenvolveu uma tese que embora o PRR, não fosse um partido oligárquico, ele não deixou de atender os interesses das elites gaúchas, como demonstra no trecho abaixo,

O PRR, era composto por um grupo que não estava diretamente ligado a tradicional elite pecuária da campanha gaúcha e, por consequência estava desligado, estava desligado dos interesses econômicos mais significativos do estado e não desfruta da rede de relações coronelistas do poder dos partidos republicanos com base nos outros estados. Tal posicionamento dos membros do PRR não lhe permitia governar sem atender aos interesses dos pecuaristas, mas também o impulsionava a buscar em outros setores da população gaúcha sua base de apoio. (1986. p. 104).

Cada município no Rio Grande do Sul, pelo menos com um pouco mais de envergadura populacional tem um coronel. No caso de Passo Fundo no início do século XX, quem exercia esse papel era Gervásio Lucas Annes, filiado ao PRR, porém não era um membro da cartilha castilhistaborgista baseada nos ideais positivista de Augusto Comte, ele era uma liderança local, pragmática, que tinha como premissa estabelecer um domínio eleitoral de seu grupo no município. Em sua obra referencial sobre o coronelismo no Rio Grande do Sul Loiva Otero Félix, chama essa adaptação do PRR as finalidades dos coronéis de cooptação, como ela explica a seguir,

Por cooptação política entendemos o processo de absorção de novos elementos na liderança ou na estrutura partidária como meio de serem evitadas ameaças a estabilidade ou a existência da organização do aparelho do Estado que então se processa (instalação da república com a política castilhistaborgista). O que caracteriza a cooptação é essencialmente é, ser uma ação política realizada em violência. (FELIX, 1987, p. 16).

Como podemos notar o coronelismo no Brasil não teve uma homogeneidade, pelo contrário houve algumas alterações no seu núcleo de funcionamento. Isso indica que uma nação subdividida em várias regiões possuem peculiaridades, inclusive nas suas microrregiões, onde certos fenômenos passam por alterações. Adaptações estas dentro de pequenas porções de territórios.

Trabalhar com história regional é uma tarefa hercúlea para o historiador, pois exige análises por vezes quase microscópicas de um determinado objeto, observar todo, o fenômeno mais geral é mais desejável, encontrar as sutilezas disso em uma micro região é desafiador, por que o atrativo está nos detalhes pontuais, que tornam o objeto interessante. Por isso estudar temas como o coronelismo exigem atenção não nas generalidades, mas nas minúcias. A pesquisadora Susana Bandieri explica esses pormenores,

Diminuir la escala de observacion parecia ser una estrategia metodológica adecuada para superar la crisis del paradigma estructural totalizante. La version microcítica adquiria fuerza em la medida em que se reconocia que los espacios mas reducidos podian ser objetos de estudio válidos. (2017, p 14).

Ao longo do século XIX e XX, surgiram várias escolas historiográficas como, a escola metódica francesa e alemã, a escola marxista, a escola dos annales. Os marxistas acreditavam que história tinha um começo e um fim, desenvolveram a tese dos modos de produção e da luta de classes. Os annales promoveram uma revolução na historiografia, buscando uma narrativa

totalizante e integradora, através de diálogos com outras ciências, inovando nas metodologias e elaborando novas narrativas. Com a derrocada do bloco socialista na década de 1980, causaram uma crise existencial nos marxistas e emergiram dessa crise a micro história, assim como a nova história política. Estava claro que novas abordagens e novas metodologias brotavam, assim com as histórias regionais nos programas de pós graduação brasileiros, antes vistas como certo menosprezo, mas agora ressaltadas como necessárias para um entendimento mais global, como salienta Reckziegel,

Insistindo entre a parte e a - região - e o todo - o sistema que contém aponta-se para a complexidade das articulações que conformam a história regional. que, por muito tempo foi tomada como sinônimo de menor, caracterizada pela narração e descrição dos fatos, sem nenhuma preocupação de ordem teórica e metodológica. Entretanto mesmo considerando essas articulações entre o espaço regional e o espaço mais vasto, há que se chamar a atenção para o risco de se desconhecer a lógica do regional, pulverizando-se em análises globalizantes, isto é não pode-se perder de vista o fato que o âmbito regional, possui uma história própria, um conjunto de relações sociais delimitadas, um espaço de memória, de formação de identidades práticas políticas específicas. (RECKZIEGEL, 1999, p. 20).

É comum em muitos estudos de história regional se abordar as vezes muito mais o geral do que o local. Isto acontece por uma opção do historiador em valorizar mais o geral, do que os pormenores do lugar do que está pesquisando. Pode acontecer também por uma falta de fontes, da qual o autor não consegue fazer análises muito detalhadas, ou por outros motivos. O importante é o acadêmico ressaltar em sua abordagem o local que está estudando, pontuando as diferenças e as similaridades com o geral.

No século XIX ocorreu o nascimento ou pelo o seu revigoramento do nacionalismo, que nada mais é do que afirmação de regionalismos esparsos pelo Europa e os casos mais emblemáticos são da Itália e da Alemanha ocorridos entre as décadas de 1860 e 1870. Mas os movimentos nacionalistas ou será regionalista estão longe de cessar na atualidade existem nações sem Estado como é o caso dos curdos no oriente médio, há movimentos separatistas na Espanha, onde bascos e catalães buscam criar seu próprio Estado. Eric Hobsbawm em um dos seus estudos, aponta o sentido da palavra nação, como forma de consolidar uma identidade, como destacado nesse trecho,

O significado fundamental de “nação”, e também o mais frequentemente ventilado na literatura, era o político, equalizava “o povo” e o Estado a maneira das revoluções francesa e americana , uma equalização que soa familiar em expressões como “estado-nação” “nações unidas” ou a retórica dos últimos presidentes do século XX. Nos EUA,

o discurso anterior preferia falar em “povo”, “união”, “confederação”, “nossa terra comum”, “público”, “bem-estar” público” ou “comunidade”, com o fim de evitar as implicações unitárias e centralizantes do termo “nação” em relação aos direitos dos estados federados. Na era das revoluções fazia parte ou cedo se tornaria parte do conceito da “nação” era o corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado concebido como sua expressão política. (1990, p. 31).

O regionalismo é o gerador do nacionalismo. Criar uma comunidade deriva dessa crença de pertencimento, de identidade que se baseia muitos dos movimentos separatistas, ou seja tradições, língua, religião são traços comuns muito potentes e legitimam as ações das correntes emancipatórias. O Caso do Rio Grande do sul é esclarecedor. Historicamente o estado mais meridional do Brasil já demonstrou desejo e até se separou do Brasil. Até os dias de hoje aparecem movimentos separatistas nesse estado. Isto deriva da experiência histórica de um passado independente, mesmo que de forma breve. Além do mais esse estado conta um movimento tradicionalista ativo e que valoriza o folclore, o vocabulário nativista. Esses aspectos são manifestações efusivas do regionalismo gaúcho. Sobre esses elementos agregadores de identidade Pierre Bourdieu aponta,

As lutas da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (enigmas ou emblemas) ligada a *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como são a do sotaque, são um caso particular de lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer crer, de dar e conhecer, de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio de fazer e desfazer grupos (1989, p 113).

Como atenta o autor as características gerais que marcam um grupo pertencente a uma etnia ou a uma região é estabelecida normalmente por uma comunidade local, que é dotada de sentidos e significados de identificação de um grupo, como a língua, os costumes, as crenças que dão vida a esses sujeitos. Movimentos nacionalistas, separatistas ou fortalecimento de uma identidade nacional são produtos de uma construção social de longa duração em determinado espaço.

Um outro ponto importante quando estudamos região é o conceito de fronteira. No caso do Rio Grande do Sul isso ainda é mais importante por que nossa formação histórica passa por convivência com estados-nações como Uruguai e Argentina, antigas colônias espanholas e o Rio Grande do Sul parte da América portuguesa. Ao longo de alguns séculos essa área foi palco de uma intensa circulação de bens e pessoas. Tal aproximação fomentou em tradições costumes em comum entre os habitantes dessa faixa territorial, que denominamos fronteira. Essa região

presenciou a ocorrência de vários conflitos com a participação de brasileiros, argentinos e uruguaios. Uma forma típica de se travar guerras inclusive foi originada nessa região platina. As disputas políticas e ideológicas decorridas na argentina ou Uruguai, rapidamente chegavam e agitavam o Rio Grande do Sul. Não por acaso que o durante o império e na primeira república os maiores contingentes militares estavam situados no estado gaúcho. Existia sempre o medo de uma escalada bélica nesse estado em virtude de ser a porta de entrada dos movimentos dos países platinos. Sobre isso Tau Golin afirma,

A fronteira rio-grandense é o produto da ação do estado e de sua concepção expansionista, que produziu na população formas concretas de mobilização e uma cultura imanente dessa logica de transposição de limites; uma população que se fez no movimento do transfronteiriço, na transgressão territorial, e que encontrou a sua coesão formativa na relação ocupacional e opositiva ao outro regional/nacional “castelhano”. (2002. p 59).

O Rio Grande do Sul foi moldado pelo Estado brasileiro, mas também pelas interações sociais, trocas de bens e pelos conflitos com os países platinos. Esse território tem uma formação distinta ao do resto do país justamente pela experiencia desenvolvida nas guerras locais. No entendimento de Bourdieu “a fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá maior ou menor fundamento na realidade”. (1989, p. 114). Uma divisão feita pela ação humana, ao longo do tempo de modo artificial, para delimitar influencia, controle, propriedade, interesses diversos.

Durante a primeira republica o Rio Grande do Sul se estabeleceu como a terceira estrela da federação, exercendo uma influencia politica nada desprezível. Minas Gerias e São Paulo eram os estados principais desse sistema federativo. O senador gaúcho Pinheiro Machado era a figura dominante do parlamento nacional, atuando de modo decisivo para eleição de vários presidentes, até seu assassinato em 1915. Em tal cenário observamos como o estado se adaptou e compreendeu as engrenagens do sistema, procurando não o confrontar e sim fazer parte do mesmo. Sobre isso Joseph Love pontua,

Para o período em questão, regionalismo pode ser definido como um comportamento politico que aceita a existência de um Estado-nação mais amplo, mas que procura o favoritismo econômico e o patronato politico da unidade politica maior, ainda que sobre o risco de comprometer o próprio sistema (1975, p. 115).

Claramente o autor emprega a semântica de regionalismo na busca de um relacionamento pragmático, mas que seja vantajoso para o estado. Dessa forma ocorre o envolvimento do Rio Grande do Sul na política nacional, sem contestar a proeminência de Minas e São Paulo. O objetivo está distante de evocar um regionalismo hostil a federação. Algo que difere do período regencial onde o separatismo foi manifestado. Na nova conjuntura o importante é se colocar como um estado expoente, capaz de obter favoritismos.

Há várias dúvidas sobre aquilo que norteia o regionalismo, quais as motivações, as afinidades, as práticas, as tradições, as crenças, as origens, os costumes identificam um grupo social e faz ele ter uma identidade. Segundo Bourdieu isso é uma discussão um tanto quanto improdutiva, para dizer o mínimo, como argumenta,

Nada menos inocente do que a questão que divide o mundo dourado de saber se se devem incluir no sistema dos critérios pertinentes não só as propriedades ditas “subjetivas” (como ascendência, o território, a língua, a religião, a atividade econômica etc.) mas também as propriedades ditas “subjetivas” (como sentimento, pertença, etc.) quer dizer as representações que os agentes sociais tem das divisões da realidade e que contribuem para a realidade das divisões. (1989, p. 120).

As pessoas vivem muitas vezes em nichos e ali onde elas encontram nesse espaço segmentado sua sustentação. Região é um termo que causa divisão e muitas vezes gera atritos. Então como Bourdieu aborda estabelecer vínculos regionais, sejam eles a língua, a religião ou sentimento de pertencer a algo simplesmente são causadores de divisões que redundam muitas vezes em fanatismo, ufanismo, xenofobia e consequências mais graves. Porque no fim esse conjunto de coisas nada mais é do que uma construção humana.

O município de Passo Fundo no início do século XX era dominado politicamente pelo Partido Republicano Riograndense, PRR, mesmo partido que governava o estado. Era uma cidade em formação, com uma economia pouco diversificada, característica de uma sociedade muito agrária que passava por um lento processo de industrialização. O Brasil nesse período era uma nação com esse perfil monocultor, rural, onde a maioria da população era analfabeta, na qual a escravidão havia recentemente sido abolida, porém nenhuma política efetiva de integração dos negros na sociedade havia sido instaurada. Apesar dessas caracterizações gerais, não era uma nação igual, havia claramente disparidades regionais. O que conhecemos hoje como a região norte brasileira, era muita desabitada, o Nordeste que havia sido o centro administrativo e econômico nos séculos XVI a XVIII, perdeu importância com a descoberta do ouro em outras regiões, no caso Rio de Janeiro a partir do século XVIII e São Paulo com

implantação e expansão da cafeicultura no século XIX, foram despontando junto com Minas gerais como as principais províncias e depois estados do país. O Rio Grande do Sul dependia muito da pecuária e era muito mais conhecido por ser um território fronteiriço instável e de importância estratégica.

Além das diferenças regionais outro ponto a ser abordado são o dos mitos, vistos muitas vezes como fundamentais para a formação de uma sociedade. O Brasil esta cheio de mitos. Alguns foram criados para integrar o povo brasileiro, como é o caso da democracia racial de Gilberto Freyre, tese desenvolvida na década de 1930, com a finalidade criar uma identidade nacional, mesmo que tendo uma interpretação um tanto quanto questionável do passado, afirmando que a tal “mistura de raças” ocorreu de forma harmoniosa. Um outro mito muito difundido seria a de que o Brasil nasceu a partir dos “espírito de Guararapes” no século XVII, quando os elementos indígenas, africano e europeu se reuniram para expulsar os holandeses do que é hoje o nordeste brasileiro. Tais formulações normalmente tem um objetivo, pois os mitos sempre são fabricados e não são de exclusividade brasileira, como aponta a pesquisadora Susana Bandieri,

Como venimos diciendo, la crisis y revision de los paradigmas científicos científicos que impregnaron la construcción historiográfica de los últimos años derivaron em el caso argentino, hacia comienzos de la década de 1990, em la necesidad de replantear la construcción de um passado excessivamente dotado de mitos. Un de ellos, de pensar uma história donde los estados nacionales, los mercados nacionales y las sociedades nacionales eram processos plenamente constituídos hacia fins do siglo XIX, com determinadas características consolidadas. (2017, p. 16).

É preciso tomar muito cuidado ao analisar os mitos, pois em muitos casos eles imprimem uma versão saudosista e distorcida de um passado, que por vezes não é tão épico e glorioso como muitas vezes é sua intenção realçar. Por isso ao estudar a história de um período, sendo ele um recorte nacional ou regional é necessário ficar atento a tais narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passo fundo é um município, assim como outros que tem características próprias, uma economia, uma cultura e uma sociedade diversa. Está inserido dentro das variáveis constitutivas do Rio Grande do Sul e do Brasil. Assim como o Brasil como um todo Passo Fundo formou e fez parte de uma sociedade escravista no século XIX, criou como o Rio Grande do sul um

sistema peculiar de coronelismo, com algumas adaptações ao vigente no Brasil. Se desenvolveu socialmente por meio de uma mistura étnica que fazem parte desde os europeus aos africanos. Aos poucos foi gerando uma esfera de influência que dura até hoje e chamamos como parte da região de Passo Fundo.

A palavra região por tem múltiplos significados e desdobramentos. Afinal de contas onde começa e termina uma região? Quem define isso? Quais os pontos em comum para estabelecer o início de uma região e o término de outra? Não há respostas muitas vezes satisfatórias sobre isso. Podemos falar de uma macrorregião ou microrregião. Muitas vezes regiões se fazem por áreas de influência onde um município de maior porte exerce uma centralidade sobre outro. Região pode ser aplicada a uma variável climática, de relevo ou mesmo origem étnica, ou atividade econômica. Uma região pode ser montanhosa ou cheia de planícies, pode ter uma composição étnica italiana, africana ou indígena por exemplo. Sua economia pode ser voltada ao cultivo da soja ou do café ou a produção de automóveis. As fronteiras e os limites de uma região por vezes não são tão nítidos como parecem, as vezes esbarra numa fluidez, onde diversos elementos se encontram. E no caso do historiador é preciso ficar alerta muitas vezes com as generalizações, por muitas vezes elas trazem mais dúvidas do que soluções.

## REFERÊNCIAS

BANDIERI, Susana. La história em perspectiva regional: aportes conceptuales y avances empíricos. **Anais...** II Congresso Internacional De História, UEPG-UNICENTRO, Universidade estadual de Ponta Grossa, Brasil, 14 de maio de 2015.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GOLIN Tau. **A Fronteira**. Porto Alegre: LPM, 2002.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. Entre coronéis e doutores: A afirmação política de Nicolau de Araújo Vergueiro em Passo Fundo/RS (1916-1920). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, Edipucrs, v. 1, n. 6, p. 105-125, jan/jun. 2013.

LOVE, Joseph L. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MIGLIORANZA, Cristiane Indiará Vernes. 2008. **O coronel e os prelos: relações entre imprensa e poder em Passo Fundo (1890-1917)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

RECKZIEGEL, S. Ana Luíza, **História regional dimensões teórico-conceituais**. História: debates e tendências. Passo Fundo, 1999.